



O Dr. Santos Simões na Comissão Instaladora da Universidade do Minho Lúcio Craveiro da Silva

Tive o privilégio de conhecer de perto e trabalhar com o Dr. Santos Simões durante sete anos na Comissão Instaladora da Universidade do Minho: num momento difícil de viragem como foi o 25 de Abril e na construção difficilima de criar uma nova Universidade. Encontrámo-nos portanto com frequência, por vezes diariamente, na resolução de um problema onde se não podia galantear com as ideias, onde um erro seria quase irreparável, numa equipa onde a coerência, a tenacidade, a lucidez e o espírito criativo se sujeitavam a um desafio permanente. O Dr. Santos Simões chamou-lhe “desafio irrecusável”. Uma universidade surge como instituição cimeira na cultura e na civilização e, no caso da Universidade do Minho, a responsabilidade era ainda acrescida pela “muralha de suspeitas, desconfianças e hostilidades do establishment político e universitário” e um pulular de rivalidades também provincianas e locais.

Ora desde 1975 o Dr. Santos Simões evidenciou-se na Comissão Instaladora pelo diálogo oportuno e esclarecido, pela dedicação constante e pela tenacidade de execução que venciu obstáculos e prosseguia superiormente indiferente à mediocridade dos homens. Nesta tarefa difícil soube ocupar o seu

lugar com brilho, o que é raro, soube dignificá-lo, o que é ainda mais raro e soube levá-lo até ao fim com êxito e sacrifício, o que é raríssimo.

E o lugar que ele honrava, como representante de Guimarães, era especialmente erigido de espinhos. No seu depoimento, no livro comemorativo dos “20 anos da Universidade do Minho” (pp. 75-99) enumera alguns sobretudo quanto à localização da Universidade e por isso exclama: “quanto podia a ignorância dos mandantes em relação ao abandonado Vale do Ave! E agora a quem pedir responsabilidades?” (p. 80). “Conhecendo a política sem comas da Comissão de Planeamento da Região Norte, esta opinião, no mínimo, toca as raías da desfaçatez” (p. 81).

De facto, a C. I., embora decidida por razões objectivas, pensadas e urgentes, viu-se atingida por denso nevoeiro de interesses políticos, regionais, locais e até pessoais que foi difícilimo superar, pois quanto mais a C.I. se lançava a realizar a nova Universidade maiores dificuldades, incertezas, intrigas e até ignorâncias atrevidas se iam arrevesando a criar obstáculos tanto mais difíceis quanto mais interesseiros e inesperados.

E essas instituições eram poderosas! Basta enumerá-las: Comissão de Planeamento da Região Norte, Direcção de Urbanização do Norte, Plano da Região do Porto, Ministros da Educação (vários), Direcção Geral do Ensino Superior e o próprio Conselho de Ministros. Todos intervieram, todos complicaram, ninguém se lembrava espantosamente duma coisa muito simples, como confessa o Dr. Santos Simões: ajudar a resolver e aprovar. Num momento crucial, apenas superado pela intervenção clarividente, embora resignada, do Prof. Lloyd Braga, a C.I. esteve à beira de pedir a demissão. Só o valor inestimável e urgente da criação duma universidade no Minho pôde convencer a C.I. a prosseguir em frente. Quantas reuniões, quantas diligências, quantas negociações, quantos relatórios, quantas viagens cansativas ao Porto e a Lisboa, não para resolver propriamente problemas construtivos, mas para evitar ou superar os obstáculos com que essas instituições nos iam presenteando... Lembro-me que até uma vez nos encontrámos os dois, o Dr. Santos Simões e eu, a redigir um relatório de defesa do reitor acusado infantilmente. A comunicação social, movida por opiniões contraditórias e alarmistas, mal informada, não deixava também de suscitar, lá fora, abrolhos

e embargos só lentamente superados. A pena, desperta e lutadora, do Dr. Santos Simões não parava.

Hoje o pesadelo passou e apenas lhe deixou alguns “cabelos brancos”. Por isso basta recordá-lo para a história. A Universidade aí está: nasceu, prosperou espectacularmente e com a recente indigitação do curso de medicina a Universidade ficará completa, tal como a sonhou a C.I.. Se recordámos agora algumas agruras do passado, foi sobretudo para evocar e prestar justiça à intervenção inteligente e dedicada do Dr. Santos Simões. Em todo o caso é justo que reconheçamos que nem tudo se realizou como desejava o próprio Dr. Santos Simões: “Como membro durante sete anos da C.I. recorda ele, alimento e alimentarei sempre o remorso de ter sido impedido – por gente sem qualquer sensibilidade universitária – de cumprir aquilo para que fui nomeado e que agora só poderá ter sentido como aposta na Universidade de Guimarães, que o Governo deve a esta cidade, por todos os motivos, sem esquecer a dívida para com Frei Diogo de Murça, esse grande humanista Reitor da Universidade da Costa e da Universidade de Coimbra” (pp. 88-89).

Mas a Universidade do Minho, até como fruto da sua força cultural interna, prossegue na linha do “desafio irrecusável” do Dr. Santos Simões criando em Guimarães, além dos prósperos cursos de Engenharia, já outros de Geografia e sobretudo de Arquitectura.

A voz do Dr. Santos Simões, apesar das inevitáveis agressões do tempo, não foi esquecida e continua presente. E uma prova mais do muito apreço pela sua presença valiosa e amiga é esta Sessão Memorativa do Conselho Cultural da Universidade do Minho.